

Natalina: uma análise sobre um lugar de performance da mulher negra

Oliveira, Ana Caroline Amorim  ¹

Mendes, Rayanne Caroline Viana  ²

Lima, Rarielle Rodrigues  ³

RESUMO

O ato de performar como ação, o modo de agir que você entrega ao mundo, tornam real e concreto o processo de existir em sociedade e garante a “corpos dissidentes”, por exemplo, a possibilidade de sobreviver. Esses corpos carregam o peso de ideologias dominadoras e destrutivas. Assim, as reflexões deste estudo debruçam-se sobre um dos momentos de maior significado mundial, o Natal, com o objetivo de entender como os corpos dissidentes de mulheres negras assumem performances neste evento singular de renascimento, amor e união, enquanto seguem atravessadas por movimentos involuntários de colonialidade, racismo, sexismo e desigualdade social. A pesquisa é qualitativa com revisão bibliográfica focada nas reflexões sobre performance e corpos dissidentes e interseccionalidade. Os contextos analisados permitirão entender como a construção histórica das relações sociais e das vivências individuais e grupais de mulheres negras resultam na consciência do espaço, no sentimento de pertencimento e na forma como agem no mundo.

Palavras-chave: corpos dissidentes; mulher negra; Natal; performance; interseccionalidade.

Natalina: an analysis of a place of performance for black women

ABSTRACT

The act of performing as an action, the way of acting that you give to the world, makes the process of existing in society real and concrete and guarantees "dissident bodies", for example, the possibility of surviving. These bodies carry the weight of dominant and destructive ideologies. Thus, the reflections of this

¹ Universidade Federal do Maranhão. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade-Pgcult (UFMA) na linha de pesquisa Expressões e Processos Socioculturais. Email: oliveira.ana@ufma.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6279006668275644>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9337-6335>.

² Universidade Federal do Maranhão. Mestranda em Cultura e Sociedade (PGCult-UFMA). Email: rcv.mendes@discente.ufma.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2024204938627436>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-0560-9723>.

³ Universidade Federal do Maranhão. Doutora em ciências sociais (UFMA). Email: rarielle.rodrigues@ufma.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8281621481381083>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8494-302X>.

study focus on one of the world's most significant moments, Christmas, with the aim of understanding how the dissident bodies of black women take on performances in this singular event of rebirth, love and unity, while remaining crossed by involuntary movements of coloniality, racism, sexism and social inequality. The research is qualitative with a bibliographical review focused on reflections on performance and dissident bodies and intersectionality. The contexts analyzed will allow us to understand how the historical construction of social relations and the individual and group experiences of black women result in an awareness of space, a sense of belonging and the way they act in the world.

Keywords: dissident bodies; black woman; Christmas; performance; intersectionality.

Natalina: análisis de un lugar de actuación para mujeres negras

RESUMEN

El acto de actuar como acción, la forma de actuar que das al mundo, hace real y concreto el proceso de existir en sociedad y garantiza a los "cuerpos disidentes", por ejemplo, la posibilidad de sobrevivir. Estos cuerpos soportan el peso de las ideologías dominantes y destructivas. Así, las reflexiones de este estudio se centran en uno de los momentos más significativos del mundo, la Navidad, con el objetivo de comprender cómo los cuerpos disidentes de las mujeres negras asumen actuaciones en este singular evento de renacimiento, amor y unidad, mientras permanecen atravesados por movimientos involuntarios de colonialidad, racismo, sexismo y desigualdad social. La investigación es cualitativa con una revisión bibliográfica centrada en reflexiones sobre performance, cuerpos disidentes e interseccionalidad. Los contextos analizados nos permitirán comprender cómo la construcción histórica de las relaciones sociales y las experiencias individuales y grupales de las mujeres negras resultan en la conciencia del espacio, el sentido de pertenencia y la forma de actuar en el mundo.

Palabras clave: cuerpos disidentes; mujer negra; Navidad; performance; interseccionalidad.

INTRODUÇÃO



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

Gênero é um marcador que possibilita inúmeras reflexões, que perpassam por vivências, experiências, casos de conhecimento público e discussões cotidianas que viram reflexões acadêmicas ou que se perdem para atender ao fluxo inesgotável e veloz da sociedade pós-moderna. As quais tensionam o existir de sujeitos marginais e dissidentes.

Assim, como mulher negra de pele parda - conforme categoria de registro brasileiro - de origem latina, com família oriunda de comunidade tradicional quilombola, sendo a primeira a acessar a universidade pública federal, me sinto em lugar de impulso para problematizar fatos cotidianos que sempre atravessaram minha vida e que estando como pesquisadora passaram a me inquietar cientificamente. Este se consolida como um lugar de escuta e enfrentamento silencioso.

Desse modo, mulheres negras, se enquadram ao que Butler (2018) classifica como corpos dissidentes, aqueles para os quais a vida abjeta está destinada, aqueles sob os quais a identidade e a diferença são silenciadas pelos que detêm a força de poder em um processo contínuo de validação de inexistências.

As relações sociais precisam seguir acontecendo mesmo que a vida destes corpos esteja marcada pelo recorte de barreiras na interação e que os atravessamentos sofridos sejam movimentos involuntários de colonialidade, racismo, sexismo e desigualdade social. Tal processo recorda Foucault (2013), quando afirma que as populações vivem sob uma condição de regulação de força com “dispositivos” e tecnologias de poder que determinam e administram suas vidas.

Dentre estas tecnologias passei a esquadrihar o Natal, a época do ano recebida por todos com gentileza e bons sentimentos. A época em que o mundo supostamente passa a viver sob uma energia singular de luz. Assim, o cristianismo enquanto religião e instituição social perpetua hipóteses sagradas para explicar a constituição e os fundamentos de sua organização, também utiliza de tal caminho para construção do Natal.

Neste sentido, a história do Natal é descrita em cronologia por Hollard (1966, p. 69) como um evento iniciado sem documentação, celebrado a partir do século III pelas Igrejas do Oriente Médio como Natividade no dia de Epifania (5-6 de janeiro) e somente no século IV passou a ser celebrado no dia 25 de dezembro por determinação da Igreja de Roma, que se sobrepôs à data com a



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

feira pagã do sol, que paulatinamente foi sendo incorporada pelas sociedades que vivenciavam o Cristianismo apagando outras práticas que não eram caracterizadas como religião no contexto de disputa de poder pelo controle das divindades.

É válido ressaltar, que o termo pagã parte da concepção cristã que desqualifica qualquer religião que não seja o cristianismo, ou seja, “sob categoria paganismo, agregou-se os adeptos de cultos diversos” (Silva, 2016, p. 37). Neste sentido, Bajo (1981) destaca que a elite eclesiástica da sociedade romana como porta voz da comunidade cristã, atuando para além dos muros da igreja, chegando ao campo políticos, o que possibilitou que atribuíssem a eles o poder de responder pelos clérigos, fieis e até mesmo pelos considerados pagãos (Bajo, 1981, 204). Assim, a elite eclesiástica seguiu “construindo e afirmando identidades, lugares de poder, definindo padrões de comportamento, éticas morais, produzindo novas formas de ocupação do espaço urbano” (Silva, 2016, p. 18).

Dentre os aspectos de contradição e resistência à imagem “pagã”, Santo Agostinho propõe pensar o natal como a celebração ao Deus que criou o sol, vencendo desta forma a ideia de vínculo com toda e qualquer crença que não seja cristã (Hollard, 1966, p. 77). A partir desta ruptura as figuras de nascimento que incluíam Maria e José torna-se uma reivindicação permanente até se fixar a imagem construída nos registros bíblicos do Jesus Cristo, filho de Maria e José, nascido em uma manjedoura no dia 25 de dezembro, seis meses após sua concepção e meses “depois de seu primo João Batista, conforme anuncia o livro de Lucas I, 26-56 (Bíblia, 2004, p. 132).

A imagem que chega até os dias atuais remonta o contexto de harmonia e renascimento, sob a ideia de celebração da vida e da bondade. O contexto criado pelo catolicismo remonta a influência e o poder da Igreja Católica na organização sócio-histórica das nações. Xavier (2022, p. 57) destaca a permanência da Igreja Católica Romana mesmo depois da queda do Império Romano, evidenciando neste contexto, como o poder eclesiástico expande durante as Cruzadas⁴ fixando seu domínio sobre os líderes das nações.

⁴ Convocadas por Urbano II no final do século XI, as Cruzadas estipulavam o combate aos infiéis e, para isso, justificavam o uso da violência na conquista da Terra Santa. As Cruzadas foram todas as expedições militares organizadas pela Igreja Católica que aconteceram entre os séculos XI e XIII. O objetivo dessas expedições era conquistar a chamada Terra Santa (modo como os cristãos referem-se à Palestina) para que fossem criados reinos cristãos na região. (Fonte: História do Mundo. História das Cruzadas. (site) Disponível



Junto com eles se estende também suas crenças e seus cultos, entre os quais o Natal. Assim, a chegada dos primeiros missionários católicos ao Brasil e à América Latina são descritos concomitante com o processo de colonização da região, deixando evidente que a influência católica se daria não apenas na religiosidade, mas também na política, nos costumes e nas práticas sociais (Xavier, 2022, p. 58), de maneira ampla, na percepção de mundo.

Posto isso, preciso pontuar a grande probabilidade de meu interesse se justificar no fato de construir esta reflexão enquanto me encontro mergulhada nas festas natalinas, o que faz com que esse recorte se torne urgente e de fundamental importância para mim. A ideia não é reduzir a discussão, mas demarcar um dos momentos sob o qual recai um véu de perfeição e delicadeza que sempre senti ser idealizado também para as mulheres, e principalmente, que ao ser conquistado por mulheres negras passa a significar o alcance de um patamar de exceção.

Dentre as questões que perpassam minha mente ao refletir sobre o marcador gênero, interseccionado a raça e classe, está a dúvida sobre a existência de um espaço em que seja possível contrariar as expectativas que recaem sobre os corpos que performam.

Me pergunto: Há um espaço para *contraperformar*? Um espaço que reflita criticamente, que produza dados qualitativos situacionais de gênero no mercado de trabalho, na relação conjugal, na relação familiar, mas que consigam ir além. Um espaço em que seja possível reconsiderar o lugar de fala e resistência destes corpos a partir da ação de recusa em atender a categoria de performance esperada.

Entendo ser indispensável colocar em prática a transição do silêncio à fala, construir ambientes de reflexão que problematizem cotidianamente os lugares e as tecnologias de dominação. Assim, as reflexões deste estudo debruçam-se sobre o Natal como um dos momentos de maior significado mundial e como uma possível tecnologia de dominação colonial. A qual é pensada com certa similaridade a um dos elementos aprofundados por Foucault (2013) para disciplinar um grupo sobre o outro nas relações de poder da sociedade. Assim, quando compreendido sob perspectiva de correlação a forma desigual, racializada e sexista que compõem o contexto da sociedade, é

em <https://www.historiadomundo.com.br/idade-media/as-cruzadas.htm> Acesso em: março, 2024.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

possível recordar como essa tecnologia de poder age sobre o que Butler (2018) chama de corpos dissidentes.

De modo mais específico o estudo objetiva entender como os corpos dissidentes de mulheres negras assumem performances de sobrevivência neste evento singular de renascimento, amor e união, enquanto seguem atravessadas por movimentos involuntários de colonialidade, racismo, sexismo e desigualdade social. Não há como escrever sobre atravessamentos interseccionais e dissidentes sem nos colocarmos no centro do processo de percepção em uma forma de alterescritas (Lima, 2018).

O estudo está fundamentado nas tensões e conflitos vivenciados por mim, o que torna esta pesquisa qualitativa narrativa, onde sou sujeito e objeto da reflexão. Em complemento, a metodologia também se consolida na análise conceitual acerca de performance e corpos dissidentes em Judith Butler (2018) em diálogo com reflexões sobre mulheres negras em Audre Lorde (2019), Bell Hooks (2019) e Lélia González(1984), bem como interseccionalidade por Carla Akotirene(2019), encruzilhando com reflexões de performance em Leda Maria Martins(2021).

A performance da noite feliz

A dinâmica do Natal é uma consequência da ideologia religiosa do catolicismo. Em toda a história de consolidação da época festiva, os argumentos de maior ênfase para a celebração do período eram marcados pela simbologia das crenças católicas. Da mesma forma, a origem da celebração é marcada pela construção de conhecimento estruturado no pensamento antigo romano.

O projeto colonial do catolicismo foi descrito por Piletti (1993, p. 198) como um modo de exploração econômica e ocupação militar dos povos a serem dominados. Assim, a expansão missionária católica fundamentou o contexto de apagamento da história de povos, usurpou e desfavoreceu rituais e crenças ao mesmo tempo em que fortaleceu seus ritos e suas práticas.

Em consonância com a lógica dos ritos e crenças do catolicismo está a ideia econômica. O que um dia significou uma estrutura de poder repressiva de colonização de povos, seguido de uso de mão de obra escravizada para exploração de riquezas das nações, se tornou uma estrutura de poder



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

modernista estadunidense que seduz e chama ao desenvolvimento, impactando de forma dissonante cada grupo social (Silva, 2023).

Desta forma, se considerarmos o processo de transição das estruturas de poder, é possível reconhecer as dinâmicas de alterações na lógica dos eventos, entre os quais figura o Natal. O evento passa a corresponder a demanda das estruturas de poder e a figura dos primeiros ritos e práticas do contexto histórico da colonização católica, passa a ser concebido na pós-modernidade como um entre tantos elementos que fundem a simbologia cristã à mão invisível do mercado que rege toda e qualquer sociedade no sistema capitalista.

A partir deste contexto, é necessário que se demarque que a ideia não é reduzir a discussão ao Natal de forma vaga, mas evidenciar o evento como um dos momentos sob o qual recai um véu de perfeição e delicadeza que percebi ser idealizado para mulheres, ao mesmo tempo em que estabelece um patamar de exceção às mulheres negras que atingem esta idealização.

Contudo, farei mais um recorte de aproximação pessoal com o meu contexto de vida para refletir sobre mulheres negras neste evento singular de renascimento, amor e união, enquanto seguem atravessadas pela colonialidade, racismo, sexismo e desigualdade social. Construir esta argumentação me faz recordar todos os natais que vivenciei. Recordo a sensação de alegria e entusiasmo da ideia de uma “noite feliz” com luzes, presentes, músicas e ceia. O amigo oculto tão criticado, mas sempre realizado. A lasanha disputada, o frango recheado, as saladas e sobremesas.

Não posso negar a realidade de que já desfrutei a energia de paz e confraternização natalina, contudo, é impossível esquecer o contexto que se seguia no antes, durante e depois de cada festa de Natal. Aqui não cabe ainda a correlação de reflexão científica, o que tinha na época de minha infância e juventude me permitia apenas observar e pensar por que os dias anteriores ao Natal, eram regados a longas horas de minha irmã trabalhando como manicure, por que o durante à véspera de Natal tinham horas intermináveis, que demandavam presença fixa e exaustiva da minha mãe na cozinha para fazer o que cada um gostava de comer e principalmente, por que o depois era composto por mais horas de trabalho, contenção de gastos e faturas.

Nada neste contexto era elemento de reflexão científica e crítica durante a infância e juventude. Contudo, há um processo de ruptura no momento em



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

que passamos a problematizar todo este cenário ao mesmo tempo que correlacionamos com os modos de vida do outro, e por outro, não necessariamente me refiro aos iguais em raça e classe e gênero. O peso do letramento racial em mim é denso e doloroso, rememorar as experiências outrora alegres, me enfurece às vezes.

Considero válido demarcar que o momento de ruptura para mim, se consolida na ocasião em que acesso leituras voltadas à reflexão da existência dos corpos negros, não necessariamente apenas corpos de mulheres. O momento em que acesso reflexões como as de Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Grada Kilomba, Audre Lorde, Bell Hooks, Carla Akotirene, sendo eu uma mulher negra dentro do espaço acadêmico, entendo a urgência de pensar e problematizar os lugares cotidianos que ocupo.

Quando você se reconhece corpo dissidente, aquele, que segundo Butler (2018), está destinado a vida abjeta, aquele sob os quais a identidade e a diferença são silenciadas pelos que detêm a força de poder, toda a forma de compreender eventos pontuais passa a ser elemento determinante para reflexões e enfrentamentos. Assim, a dinâmica do Natal que carrega consigo uma idealização de acolhida, de gentileza e perfeição, é algo que sempre senti recair sobre as mulheres. A demanda para que a mulher reproduza perfeição, a cobrança pela gentileza polida, a ideia de cuidado, generosidade e entrega, sempre me faziam correlacionar a imagem do Natal à figura da mulher, a qual ainda era acrescida do sufixo Mãe.

Neste sentido, encontrei primeiro em Butler (2018) a partir da ideia de “performatividade de gênero”, elementos que me permitiram entender a correlação intrínseca que sempre me acompanhou em cada Natal. A ideia de performatividade da autora, me provocou a pensar como o gênero formado a partir da constante repetição de ação dos corpos, normatiza o controle de enunciados políticos e permite que imagens como a mulher à frente da preparação delicada e perfeita da noite de Natal, fossem automaticamente correlacionadas a ideia de feminino, cabendo ao masculino apenas a imagem de confraternizar festivamente. Performatividade de gênero seria:

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Estes atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade (Butler, 2018, p. 235).

Ao considerar esta definição foi possível entender como os corpos dissidentes situados por ela e até então reconhecidos por mim eram reprodutores contínuos dos signos e dos meios discursivos que lhes eram impregnados. Ao pensar na pessoa responsável pelo planejamento do Natal, mais especificamente a que reserva tempo para decorar a casa, a responsável pela preparação da ceia, sou automaticamente levada a pensar na figura da mãe, avó, tias, esposas, aquelas para qual fica subentendido pelos signos corpóreos e demais discursos heteronormativos o lugar da performance.

Apesar disso, as delimitações de Butler ainda não atendiam completamente as inquietações, uma vez que pensar essa dinâmica para mulheres negras, demanda entender que o Brasil apresenta de acordo com a pesquisa do Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), 90% de mães solo negras vivendo em uma condição em que 72,4 % não tem nenhuma rede de apoio, estando a maioria entre norte e nordeste, com 31% delas fora do mercado de trabalho e com filhos de diferentes idades, onde o percentual aumenta para 34,6% se considerar aquelas com filho de até cinco anos, enquanto mulheres brancas e amarelas na mesma condição tem percentual de 26,6% e 27,5% (Fonseca, 2023).

Neste sentido, quando se leva em consideração os números apontados, fica claro para quem pesa mais a demanda de manter a performance de perfeição e atendimento generoso a tecnologia de poder do Natal. Manter a expectativa de presentes, ceia, confraternização, em meio à necessidade cotidiana de sobrevivência, coloca sobre esses corpos dissidentes uma sobrecarga que nunca poderá ser atendida de forma idêntica as expectativas.

Situação que pode ser entendida ao recordar González (1984, p. 225) quando estabelece que há uma falsa ideia de democracia racial, onde todos são iguais e as questões raciais ficam relegadas a discursos cansativos, o que a autora faz questão de classificar como mito. Nesta perspectiva, ao buscar na memória toda as vezes que o Natal atravessou minha vida, pude entender o porquê as horas de trabalho extra antes, durante e depois do Natal afetavam



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

drasticamente as figuras femininas que me cercavam. Estava ali o traço de opressão que atinge os corpos negros, entre os quais estão as mulheres negras.

Consciência exclui o que a memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência social. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí, das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioula, a gente saca que a consciência faz tudo pra nossa história ser esquecida, tirada de cena. E apela pra tudo nesse sentido (1). Só que isso tá aí... e fala (González, 1984, p. 226).

Entendendo este contexto é necessário demarcar também que a responsabilidade pela organização do evento Natalino não é o único espaço em que reconhecia uma demanda por performance. A dinâmica do encontro familiar também é fator determinante neste cenário de opressão. Há no encontro familiar a recordação permanente de papéis que precisam ser cumpridos e lacunas que precisam ser preenchidas, e normalmente são espaços de cobranças que recaem sobre os corpos dissidentes que estejam disponíveis na ocasião. São coisas como: E os namorados? Quando vai se casar? Quando os filhos virão? Você não acha que está muito masculina? Você não acha que está dando muita “pinta”⁵?

Tais perguntas sobre casamentos, família, filhos e tudo mais que vem acrescido para uma mulher adulta solteira ou namorando, me leva a buscar em Butler (2003) a perspectiva de inteligibilidade do sujeito às compreensões de família. Uma espécie de falta, nunca “Ser suficiente”. Assim, sempre que as corriqueiras questões recaem sobre alguns, o retorno que se espera é de atendimento a expectativa heteronormativa de estatuto legal da instituição casamento, e de preferência nuclear hétero.

⁵ “dar pinta – possuir trejeitos efeminados que revelem a homossexualidade; demonstrar interesse por alguém; “paquerar”, insinuando-se. Ex: Vou dar pinta” (Fonte: ALONSO, Nilton Tadeu de Queiroz. Entre segredos e risos: gírias da diversidade sexual paulistana. Tese. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC_SP). São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/14177/1/Nilton%20Tadeu%20de%20Queiroz%20Alonso.pdf> Acesso em: março, 2024.



Se uma das questões citadas acima recaem sobre uma mulher negra e lésbica, espera-se através delas que a mulher se sinta pressionada a mudar. Há um lugar de conforto no questionamento que exprime a liberdade de oprimir, ao passo que à mulher lésbica negra resta a possibilidade de usar do silêncio como resposta, usar da indiferença e concordância irônica ou assumir o papel agressivo que se aponta como regra a todo corpo que reage a violência.

Em *Irmã Outsider* Audre Lorde (2019) descreve a vivência de ser lésbica e negra, todavia, optei por resgatar a imagem descrita por Hooks (2019) em “Olhares Negros”, por encontrar nela uma contraposição clara entre a ideia de performance masculina e feminina no contexto familiar. No livro, a autora constrói uma reflexão de reconstrução da masculinidade negra, onde descreve na perspectiva patriarcal o que se esperava dela em contraposição ao que se esperava do irmão, destacando ambos como uma completa decepção durante a infância e adolescência.

Em nossa casa no Sul, num lar batista patriarcal, ser um garoto significava aprender a ser duro, a mascarar seus sentimentos, a defender seu território e lutar; ser uma garota significava aprender a obedecer, ficar quieta, ser limpa, reconhecer que você não tem território para defender. Eu era dura, ele não. Eu era voluntariosa, ele era tranquilo. Nós dois éramos decepções. Carinhoso, cheio de bom humor, amoroso, meu irmão não tinha o menor interesse em se tornar um rapaz patriarcal. Sua falta de interesse fez com que nosso pai nutrisse uma raiva ferrenha (hooks, 2019, p. 160).

A passagem determina pessoas em desenvolvimento que agem de forma natural e resistem de forma despretensiosa as determinações impostas pela dinâmica de parentesco e expectativas de gênero, e uma vez não cumprido desencadeiam modos de isolamento e sentimentos de raiva naquele que cria expectativas.

Assim, quando leio Butler (2018) delimitar os corpos dissidentes, e penso nestes corpos de mulheres negras, considero indispensável enfatizar que compreender estas mulheres no mundo é reconhecer uma dinâmica muito mais complexa do que ser apenas um corpo abjeto, é reconhecer o que Audre Lorde (2019) coloca como sobrevivência pelo aprendizado dos modos de agir e existir fora da estrutura vigente.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

Aquelas entre nós que estão fora do círculo do que a sociedade julga como mulheres aceitáveis; aquelas de nós forjadas nos cadinhos da diferença - aquelas de nós que são pobres, que são lésbicas, que são negras, que são mais velhas - sabem que *a sobrevivência não é uma habilidade acadêmica*. É aprender a estar só, a ser impopular e às vezes hostilizada, e a unir forças com outras que também se identifiquem como estando de fora das estruturas vigentes para definir e buscar um mundo em que todas possamos florescer. Pois as ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande. Elas podem possibilitar que os vençamos em seu próprio jogo durante certo tempo, mas nunca permitirão que provoquemos uma mudança autêntica. E isso só é ameaçador para aquelas mulheres que ainda consideram a casa-grande como sua única fonte de apoio (Lorde, 2019, p. 137).

Seguindo este pressuposto, é necessário que se pense qual seriam as tecnologias ancestrais com força suficiente para inviabilizar a dominação das tecnologias de poder disciplinadoras e opressoras, que se estabelecem na pós-modernidade sob esse véu sedutor e subjetivo conforme ocorre nas festas natalinas. Tecnologia ancestrais que mais adiante serão melhor exploradas como caminho de resistência e de subversão.

É fundamental também que mulheres negras assumam esse lugar de decisão sobre suas vidas, efetivando o que Lorde (2019, p. 137-138) destaca que não ocorre, por exemplo, nas conferências feministas onde ainda há uma participação maior de mulheres brancas ocupando espaços e estabelecendo bases para ação política, enquanto mulheres negras seguem ocupando apenas os lugares de escravidão matrimonial e prostituição.

Contraperformance: encruzilhando a noite feliz

Celebrações como o Natal atingem o contexto da discussão por sua potência que transpõe nações, movendo em uma dinâmica mundial os modos de agir e pensar. O Natal está aqui como tecnologia de poder interseccionalizada, apresentando agravantes para pensar classe, raça e gênero.

Essa interseccionalidade ocupa discussões sobre os corpos negros desde que se torna possível “enxergar a colisão de estruturas, a interação



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo” (Akotirene, 2019, p. 14). Assim, não há como fechar os olhos aos atravessamentos que chegam aos corpos das mulheres negras em um cenário festivo natalino, sem problematizar o fato dele ser popularmente forjado na dinâmica de uma Igreja branca europeia colonial e popularizado por uma lógica comercial desenvolvimentista pós-moderna.

O feminismo negro dialoga concomitantemente entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo. O letramento produzido neste campo discursivo precisa ser aprendido por lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, (LGBT), pessoas deficientes, indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadoras. Visto isto, não podemos mais ignorar o padrão global basilar e administrador de todas as opressões contra mulheres, construídas heterogeneamente nestes grupos, vítimas das colisões múltiplas do capacitismo, terrorismo religioso, cisheteropatriarcado e imperialismo (Akotirene, 2019, p. 16).

Nesta dinâmica opressiva/disciplinadora, quando pensamos nas ações e atravessamentos já descritos que atingem às mulheres durante as festas natalinas, seja em um lugar de organização e planejamento que demanda trabalho extra, seja no lugar de cobrança familiar dos papéis a cumprir, é necessário reconhecer que para as mulheres negras jamais será permitido parar. Esta é uma reflexão que se adequa à perspectiva descrita por Akotirene (2019, p. 18) quando pontua que na relação patroa/empregada ou esposa/marido, as mulheres negras ficam subjugadas, não havendo espaço para expor sua própria vontade, restando apenas a inexistente possibilidade de parar de trabalhar.

O que configura esta inexistência de escolha não diz respeito a situações pontuais da atualidade. O que há aqui é um contexto secular que precisa ser constantemente recordado e evidenciado para que não se perca a consciência histórica e crítica dos fatores que garantem que determinados grupos sejam subjugados.

Akotirene (2019, p. 23) destaca que aquilo que hoje é conhecido como xenofobia, neoliberalismo, divisão internacional do trabalho, opressão patriarcal de gênero e discriminação racial vem dos “descobrimientos” da Europa do



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

século XV, bem como do neocolonialismo do século XIX, que divide um continente e estabelece diferentes significados identitários a pessoa negra.

Desta forma, evidencio mais uma vez como as festas natalinas representam bem a estrutura, sendo uma tecnologia que agrega todos os contextos. A proposta religiosa catolicista, a marca da catequização europeia nos descobrimentos, os traços neocoloniais impregnados do sistema capitalista e na ideia empoderadora do consumo, onde as identidades se estabelecem nas dinâmicas de universalidade globalizante. Assim, ao recordar, por exemplo, a perseguição do homem africano aos homossexuais e às lésbicas, Akotirene (2019, p. 24) deixa evidente os norteamentos evangélicos, heterossexistas europeus nos processos da interseccional identificação.

Há de forma muito presente uma encruzilhada de saberes ao longo de todos os séculos de opressão/disciplinamento. Não há como negar que a cultura brasileira se funda nos “cruzamentos transnacionais, multiétnicos e multi linguísticos” (Martins, 2021. p. 49). O argumento é construído por Martins (2021) na obra *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*, possibilitando que se reflita na ação do performar, como a ação carrega traços que vão além da simples visão do sujeito. Há formações vernaculares, vestindo novas faces, mimetizando com sutis diferenças e antigos estilos (Martins, 2021).

A mulher negra por se localizar no contexto da tecnologia colonial do Natal interseccionada por gênero, classe e raça, necessita que se entenda o performar como encruzilhada, pois “a cultura negra é uma cultura de encruzilhada” (Martins, 2021. p. 50). Assim, o performar significa o lugar de confluência e multiplicidade.

Da esfera do rito e, portanto, da performance, a encruzilhada é lugar radical de centramento e descentramento, interseções e desvios, textos e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens performáticas e também discursivas, a encruzilhada, como lugar terceiro, é geratriz de produção sógnica diversificada e, portanto, de sentido plurais. Nessa concepção de encruzilhada destaca-se, ainda, a natureza cinética e deslizante dessa instância enunciativa e performativa dos saberes ali instituídos (Martins, 2021, p. 50).



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

As práticas performáticas que cabem aqui, dizem respeito a essa compreensão plural que não concebe apenas uma história como verdade, mas entende que na expressão das ações dos corpos, nas performances que executam, há um encruzilhamento de histórias e saberes. Apesar disso, é importante demarcar que ao recordar a ideia de corpos dissidentes, há em paralelo um significativo apagamento histórico dessas existências.

A performance para Martins (2021, p. 36) é muito mais que dissidência de um sujeito, ela comporta as práticas performáticas moduladas pelos gestos e pelas vozes, em um corpo que contém uma grafia de saberes de várias ordens e naturezas diversas que reverberam nas suas impressões, modos de ser, proceder, atuar, fabular, pensar e desejar.

Munida da compreensão sobre performance em Martins (2021), entendo que os corpos podem perfeitamente performar para atender a contextos opressores, com tecnologias que os sujeitam a um disciplinamento confortável à manutenção das relações de poder, como é possível reconhecer nas festas natalinas.

No entanto, considero importante salientar que há um espaço de possibilidade voltado à resistência dos grupos sociais compostos por mulheres negras através de tecnologias ancestrais.

As tecnologias ancestrais aqui entendidas como “tecnologias simbólicas que foram pensadas por antepassados e antepassadas com o objetivo de enfrentar de forma estratégica questões próprias do seu tempo” (Souto, 2021, p. 154). Desta forma, o que se propõe é o aquilombamento apresentado por Beatriz Nascimento (2018), que demarca organização destes grupos sociais negros a partir da perspectiva de uma estrutura social externa ao contexto de opressão, uma vivência autônoma e articulada (Nascimento, 2018).

De tal modo, o encruzilhamento das reflexões das autoras permite a compreensão de corpos de mulheres negras que performariam a partir de uma resistência autônoma e coletiva, a imagem do que eu nomeio como *contraperformance*. O uso do termo sob meu ponto de vista, recorda a ideia de decolonialidade trabalhada por autores como Aníbal Quijano (1992) ou a proposta contracolonial de Santos (2023).

Pensado a partir de Quijano (1992) a *contraperformance* se consolidaria no que o autor concebe como distanciamento das hierarquias impessoais que impossibilitam a troca de conhecimentos entre diferentes povos, buscando



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

priorizar a pluridiversidade dos conhecimentos dos grupos sociais vistos como inferiores por sociedades eurocêtricas.

No que diz respeito a Santos (2023) a *contraperformance* representaria a resistência constante as fortes amarras e padronizações da sociedade colonial, que estabelece na cosmofofia a negação de existência aqueles que nunca foram colonizados (quilombolas, povos originários) e aqueles que estão em processo de descolonização (moradores das favelas). “No dia em que os quilombos perderem o medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluência, o asfalto vai derreter! (Santos, 2023, p. 27).

Assim, contraperformar está como uma repetição da ação dos corpos que transgridem os padrões impostos. Se nas festas natalinas a performance da mulher é estabelecida em um lugar de responsabilidade organizacional, decorativa, gentil, cuidadora, ao mesmo tempo que precisa apresentar uma estrutura familiar próspera de um casamento hetero com filhos, então a *contraperformance* se daria a partir da não execução destas ações.

Para mulheres negras em condição de vulnerabilidade financeira, o lugar transgressor se daria ao tirar das costas o peso das horas extras trabalhadas para arcar com os custos da demanda de presentes e ceia fundamentado na referência branca colonial, que resultam em parcelas de longo prazo. Toda a energia empregada para atender a essas necessidades impostas poderiam ser vivenciadas em práticas cotidianas que agregam afeto entre os iguais pelo compartilhamento de espaços e disseminação de reflexões pela história oral dos povos negros.

Se no período imperialista-escravocrata, foi necessário adentrar a mata, abrir clareiras e levantar mocambos para abrigar aqueles e aquelas que procuravam rotas de fuga, hoje a urgência de se aquilombar se manifesta no miolo das grandes cidades, em meio ao cotidiano de negros e negras que, ainda enclausurados/as em uma ordem social pautada no racismo estrutural, criam zonas temporárias de aquilombamento – aquelas onde as pessoas vivem a experiência de se aquilombar – de diferentes formas e nas mais variadas áreas de atuação, seja na educação, na economia, no direito, na política institucional, na saúde, no ambiente virtual, nas artes ou no campo cultural, por exemplo (Souto, 2021, p. 155).



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

Assim, entendo que *contraperformar* está no movimento de aquilombamento como posição de resistência contra hegemônica, onde o corpo é político e carrega consigo a ancestralidade daqueles que vieram antes. No momento em que demarco a *contraperformance* não faço isso de forma avulsa ou sem contexto, demarco a partir da consciência histórica que carrego dos corpos ancestrais que vieram antes de mim e foram atravessados por inúmeras violências.

Desta forma, tenho consciência de que a performance descrita em Butler (2015) é algo concreto e real dentro das questões que envolvem gênero e sexualidade, mas considero indispensável pontuar que não consegue abranger todo complexo de violências aos quais estão sujeitos os corpos de mulheres negras.

Da mesma forma que entendo que as estruturas racistas e opressoras da colonialidade na pós-modernidade não sumirão sem que haja um movimento de resistência coletiva de mulheres negras munidas da consciência reflexiva e mobilizadora de mães, irmãs, primas, tias, amigas que nos cercam no cotidiano, bem como de referências como Lélia González, Beatriz Nascimento, Carla Akotirene, Leda Maria Martins, Audre Lorde, Bell Hooks, entre muitas outras.

A *contraperformance* como possibilidade de tecnologia ancestral de resistência para mulheres negras não significa negar a importância do papel das demais mulheres no processo de resistência às tecnologias de poder que as oprimem enquanto disciplina. Da mesma forma, que não inviabiliza que estas mulheres assumam o lugar antirracista na resistência.

O Natal como tecnologia de poder colonial e patriarcal e sua dinâmica de acolhida e perfeição que recai comparativamente sobre as mulheres, seguirá por muito tempo reproduzindo o requinte, a cobrança pela gentileza polida, a ideia de cuidado, generosidade e entrega, cabendo assim a tecnologia ancestral apresentar a resistência ao não performar o que se espera desse contexto.

A construção histórica das relações sociais e das vivências individuais e grupais de mulheres negras podem resultar na consciência do espaço, no sentimento de pertencimento e na forma como agem no mundo. Contraperformar é a possibilidade de celebrar a ancestralidade a partir da prática repetitiva de ações que retomem esse sentido de comunidade, de



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

compartilhamento, e mais que isso, contraperformar é a possibilidade concretizar o que Lélia González um dia buscou na formação do Nzinga - Coletivo de Mulheres Negras na década de 1980, descrevendo uma ideologia que é inspiração até os dias atuais de não aceitação “que a arbitrariedade de uma hierarquia autoritária determine nossas decisões, mas que elas sejam o resultado de discussões democráticas. Somos um Nzinga - Coletivo de Mulheres porque lutamos contra todas as formas de violência, ou seja, lutamos contra o sexismo e a discriminação sexual” (González, 2020, p. 96).

Quando penso na possibilidade do não performar ou melhor dizendo, do *contraperformar* como tecnologia ancestral de resistência às festas natalinas, me pergunto porque o Brasil em todo seu contexto de confluência afro diaspóricas nunca considerou a possibilidade de celebrar o Kwanzaa ao invés do Natal. Ao mesmo tempo em que a pergunta me inquieta, entendo que as estruturas do racismo estrutural jamais permitiriam tal possibilidade.

O Kwanzaa, é uma celebração “com início marcado para o dia 26 de dezembro e celebrado por sete dias até o dia 1º de janeiro” (Borges, 2019, p. 1). Durante a celebração recorda-se a colheita feita no continente africano, onde o próprio significado de Kwanzaa recorda “os primeiros frutos”, tendo origem da língua banta falada na África (Borges, 2019).

Ainda de acordo com Borges (2019, p. 1) a celebração foi criada pelo professor Maulana Karenga, na passagem de 1966 para 1967, em Los Angeles, Califórnia (EUA). E o início da festa se deu no contexto da luta por direitos civis no país estadunidense e com o objetivo de fortalecer a união da comunidade negra no mundo.

Neste sentido, a tecnologia ancestral de resistência do Kwanzaa surge como possibilidade de *contraperformar* pela celebração do compartilhamento coletivo da colheita. Uma vez que se entende que a colheita entre esses povos é feita de forma comunitária, não estando subjugada e pré-estabelecida a um corpo específico.

A celebração tem 7 dias de duração e para ela se usam 7 velas, em referências aos 7 princípios da festa: Umoja, que significa unidade; Kujichagulia, autodeterminação; Ujima, trabalho coletivo e responsabilidade; Ujamaa, economia cooperativa; Nia, propósito; Kuumba, criatividade; e Imani, fé (Borges, 2019, p. 1).



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

Seguindo estes pressupostos, enfatizo que o objetivo aqui não é expor o Kwanzaa como a referência de perfeição, quando claramente falta um aprofundamento de estudo sobre a celebração. Apesar disso, entendo como fundamental que se problematize porque a sociedade brasileira, por exemplo, facilmente absorve e reproduz o Natal, com uma estrutura que nem se aplica ao clima, ao espaço e ao contexto cultural. Enquanto outras celebrações que recordam modos de vida e práticas culturais dos povos e comunidades existentes no Brasil ficam invisibilizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se abrir à possibilidade de *contraperformar* a partir da organização coletiva de mulheres negras, demarca o lugar de cura citado no início desta construção reflexiva. Ao considerar a transição do silêncio à fala como um gesto de desafio que cura, reconheço no ato de fala, de “erguer a voz”, a expressão de nossa transição de objeto para sujeito (hooks, 2019, p. 35). Nesta passagem Hooks (2019) demarca o processo de voz do oprimido - do colonizado - mais especificamente do ser humano negro que luta cotidianamente. É fundamental que haja vida no que se escreve. E, por vida, considero pontuar a parte em que me cabe nesta escrita.

Neste sentido, quando penso em problematizar no cotidiano, demarco a urgência de retorno às ruas, aos lares, aos grupos sociais primeiros, aqueles com os quais convivemos antes de todo e qualquer contexto acadêmico. O que se propõe é que a reflexão crítica produzida pela ciência acadêmica possa retornar ao cerne, para a gênese onde tudo segue acontecendo, voltar e ser disseminada entre os corpos presos na dinâmica alienada que os inviabiliza a possibilidade de *contraperformar*.

Posterior a isso, se volta à reflexão sobre o contexto que é externo e mais amplo, sem perder de vista as marcas coloniais que definiram os padrões, as expectativas e a dinâmica de como os corpos precisam ser e agir.

Quando tenho a oportunidade de entender quem eu sou dentro deste contexto amplo de vida, que marca corpos negros como o meu como passível de escravização, exploração, silenciamento, entendo que *contraperformar* pode se consolidar como um dos elementos mais fortes do agir do individual ao coletivo, em um movimento de corpos políticos contrários as relações de poder



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

que um dia dizimou povos inteiros ao mesmo tempo em que sequestrou muitos outros da pátria em que nasceram.

Na cosmofobia descrita por Santos (2023) está a compreensão do medo que os colonizadores sentem que os grupos colonizados se rebelem, contrariando às falsas ideias de inferioridade animalésca e falta de civilidade. É necessário tornar o medo deles real, onde o rebelar-se está na ruptura, está em retornar à vivência coletiva e partilhada dos plantios e colheitas das roças, das vivências em confluências com a natureza e seu fluxo de produção, da vivência no território compartilhado sem cercamentos de muros. Onde a ideia de renascimento, de partilha, de união do Natal seja vivenciada o ano inteiro, mesmo que isso signifique ocorrer na celebração do Kwanzaa, ou em uma gira de tambor de mina, em uma roda de tambor de crioula.

Assim, o objeto aqui discutido segue aberto às inúmeras possibilidades de aprofundamento, o *contraperformar* é apenas uma semente reflexiva que deve ser cultivada pelo aprofundamento e contraposição a outras reflexões que se proponham a pensar sobre a complexa estrutura de poder e suas tecnologias, aqui focado nas mulheres negras atravessadas por um dos eventos mais populares do mundo, o Natal.

O meu eu, que para e reflete enquanto escreve sobre os atravessamentos que vivencia, não consegue identificar um *status* de já estar em *contraperformance*, entretanto, me atrevo a pontuar que a perspectiva já se encontra semeada e germinando em mim, com disposição a buscar nas tecnologias ancestrais que constituem quem eu sou como mulher negra, latina, encruzilhada por família oriunda de território quilombola, formas de resistir.

REFERÊNCIAS

Akotirene, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

Bíblia, Evangelho Segundo São Lucas. In: **Bíblia**. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balanci. 6ª Edição. São Paulo - SP: Editora Paulus, 2004.

Borges, Pedro. Você que comemora o Natal: já ouviu falar do Kwanzaa? In: **Site Alma Preta**. Sessão África e Diáspora. Dezembro de 2019. Atualizado em 2023. Disponível em:



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

<https://almapreta.com.br/sessao/africa-diaspora/voce-que-comemora-o-natal-ja-ouviu-falar-do-kwanzaa/>. Acesso em: dezembro, 2023.

Butler, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? *A Journal of Feminist Cultural Studies* (13)1, 2002, pp.14-44. [Tradução: Valter Arcanjo da Ponte; Revisão: Plínio Dentzien.]. In: **Cadernos Pagu**. São Paulo: p. 219-260, 2003.

Butler, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Fonseca, Michael. Pesquisa aponta que 90% das mulheres que se tornaram mães solo no Brasil, nos últimos dez anos, são negras. In: **Site Mundo Negro**. Home: família, 2023.

Foucault, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento das prisões. Tradução de Raquel Ramalheite. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

González, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs. 1984, p. 223-244. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509709/mod_resource/content/0/06%20-%20GONZÁLEZ%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em: maio, 2023.

González, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano. Ensaios, intervenções e diálogos**. Organização: Flávia Rios e Marcia Lima. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz S.A. 2020.

Hollard, Auguste. **As origens das comemorações do Natal**. *Revista de História*, [S. l.], v. 32, n. 65, p. 69-84, 1966. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1966.124023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/124023>. Acesso em: dezembro, 2023.

hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Marigolo. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

Lima, Nilvanete Gomes de. **“Bota a cara no sol, querida!”**: processos sociais de abjeção e desestabilização dos limites das normalidades em alterescritas ficcionais. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/ CCH, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018, 290 f. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/2422/2/NILVANETELIMA.pdf> Acesso em: março, 2024.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>

Lorde, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

Martins, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

Nascimento, Beatriz. **Quilombola e intelectual**: possibilidade nos dias de destruição. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

Piletti, Nelson. **História do Brasil**. São Paulo: Ática, 1993.

Quijano, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, v. 13, n. 29, p.11-20, 1992. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf> Acesso em: março, 2024.

Santos, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

Silva, Paulo F. S. Teoria da colonialidade do poder e a epistemologia/gnosiologia pluriversal. In: **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia**. Uberlândia, MG: v. 51, n. 1, p. 50-75, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistafadir/article/view/68082>. Acesso em: dezembro, 2023.

Souto, Stéfane. É tempo de aquilombar: da tecnologia ancestral à produção cultural contemporânea. In: **Periódico Políticas Culturais em Revista**. Salvador: v.14, n. 2, p. 142-159, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/44151/25350>. Acesso em: dezembro, 2023.

Xavier, Érico Tadeu. Catolicismo: missão e influência no Brasil e no continente latino-americano. In: **Monumenta – Revista Científica Multidisciplinar**. Paraíso do Norte – PR: v. 5, n. 1, p. 56-66, 2022. Disponível em: <https://revistaunibf.emnuvens.com.br/monumenta/article/download/138/73>. Acesso em: dezembro de 2023.

Submissão em 27 de março de 2024.
Aceite em 29 de agosto de 2024.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0

Internacional. Texto da Licença:
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262242 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262242>